

ALEXANDRE VIEIRA  
(OPERÁRIO GRÁFICO)

*Em volta  
da minha  
Profissão*

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA  
DO MOVIMENTO OPERÁRIO  
NO PORTUGAL CONTINENTAL



EDIÇÃO DO AUTOR  
LISBOA — 1950

## O APARECIMENTO DO DIÁRIO «A BATALHA»

Conforme digo noutro lugar, Raul Neves Dias, o dinâmico secretário-geral da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, havia apresentado à Conferência Operária de 1917, na sua reunião do Sul, uma proposta tendente à fundação dum jornal sindicalista diário, a qual, tendo sido aprovada em princípio, foi, mais tarde, renovada em reunião do conselho central da U. O. N. por aquele delegado da F. T. L. J. e bem assim pelos colegas Carlos José de Sousa e Manuel da Conceição Afonso, tendo então sido resolvido efectivá-la.

Mercê do afinco com que trabalhou a comissão que fora nomeada, surgia, em 23 de Fevereiro de 1919, o diário operário *A Batalha*, um dos empreendimentos de maior monta que a organização sindicalista portuguesa levou a cabo (1).

Exceptuando o chefe da redacção (Pinto Quartim, experimentado jornalista profissional), todos os outros redactores, no início da gazeta, eram operários tipógrafos, tendo transitado de oficinas onde compunham prosa alheia para uma outra em que iam passar a escrever *pro domo sua*. Melhor: desta

---

(1) Não obstante haver tentado esquivar-me a ocupar o lugar de redactor-principal de *A Batalha*, para que fora indicado, em consequência de ser então o secretário-geral da U. O. N. (cargo absorvente, tanto mais que era desempenhado nas horas que me ficavam livres do exercício da profissão, pois nesse tempo não havia «permanentes»), não logrei furtar-me, tendo sido deveras contrariado que assumi a direcção do quotidiano. Uma das razões por que não queria o lugar residia na circunstância de não me haver ainda esquecido dos aborrecimentos que sofrera quando desempenhara idêntico cargo no diário *A Greve*. Além disso, apesar de não ser criatura de índole pessimista, não tinha fé no êxito da arriscada empresa. Enqanei-me, e ainda bem.

última oficina eram simultâneamente patrões e assalariados — um hibridismo desconcertante, por motivos óbvios.

Nas condições expostas se encontravam, além do autor deste volume: Francisco Perfeito de Carvalho, Luís Consiglieri Sá Pereira <sup>(1)</sup> e António Inês (*Antero Lima*), este como crítico teatral, irmão do jornalista e actual chefe da redacção da *República*, Artur Inês, ao tempo operário impressor tipográfico e, nessa qualidade, militante no respectivo sindicato profissional, que, por sua vez, colaborou também em *A Batalha*. Um sexto tipógrafo viria a ser, mais tarde, redactor do diário operário: Francisco Rodrigues de Sousa, que voltou, ao cabo dalguns anos, a pôr em pé letras de chumbo — um excelente colega, que desde Viana do Castelo, onde foi como que meu discípulo, acamaradou comigo nas lutas sindicalistas e que faleceu em 1949, sendo então funcionário da Imprensa Nacional de Lisboa.

Ainda um outro operário tipógrafo, hoje do quadro do *Diário do Governo*, isto é, da Imprensa Nacional (Carlos José de Sousa), viria a escrever em *A Batalha*, da qual foi também redactor-principal, tendo transitado da chefia da tipografia para a da redacção, não por muito tempo, pois a breve trecho voltava a assumir a direcção daquela oficina, cargo que desempenhou durante largo período.

Com o aparecimento de *A Batalha* assiste hoje a organização operária nacional, mercê dum rasgo de audácia dum grupo de trabalhadores, eficazmente auxiliados, no seu arrojado empreendimento, pela Central de Sindicatos portuguesa, à realização duma das suas mais queridas aspirações, aspiração que vem de longa data.

Por outro lado, a classe oposta verificará que os seus rudes ataques à ideia em marcha têm dado, como aliás era lógico, resultados contraproducentes, porque, a despeito de essa classe haver usado de processos nem sempre legítimos para combater as instituições proletárias, estas não só têm resistido a tais ataques, mas até deles têm saído mais robustecidas.

O observador imparcial que de há uma dezena de anos a esta parte haja acompanhado de perto os acontecimentos terá verificado que, a cada golpe vibrado na organização operária, esta, em vez de sucumbir, ganha maior alento, e, enchendo-se

(<sup>1</sup>) De todos os tipógrafos supramencionados, foram este e Artur Inês os únicos que adoptaram a profissão de jornalistas, devendo acrescentar que ambos subiram mesmo mais um furo no domínio das letras, pois têm escrito também livros.

duma fé mais viva, cria novas instituições e lança mão dos mais eficazes meios de propaganda e de acção, para provar à sociedade que é já hoje uma força indestrutível, porque nela reside de facto a substância que alimenta essa mesma sociedade. E assim como o organismo humano não pode viver uma vida regular desde que todas as moléculas que o constituem não funcionem normalmente, assim o organismo social não poderia existir se estivesse privado da acção da massa produtora — a sua molécula máxima.

Bem sabemos nós que *A Batalha*, que será na imprensa o porta-voz da organização operária nacional, e, portanto, o intérprete das generosas aspirações da legião trabalhadora, dessa legião que ao mesmo tempo que, em luta afanosa, arranca à natureza ubérrima tudo quanto é mister à existência, anda empenhada numa outra luta não menos ingente, qual é a de marchar em demanda dum porvir não de bem-estar apenas para alguns, mas de conforto para todos; bem sabemos nós, iamoz dizendo, que *A Batalha* será um jornal assaz difícil de fazer, não só porque é a vez primeira que em Portugal aparece um diário lançado pela Central de Sindicatos e, portanto, com um carácter inédito, mas também porque neste momento o mundo operário se convulsiona na ânsia, bem legítima, de diminuir o predomínio da classe rica, conquistando-lhe uma parcela das regalias até agora usurpadas.

E para que o proletariado acompanhe, sob esse aspecto, a acção que lá fora se está desenvolvendo, não basta fazer propaganda: é necessário que essa propaganda seja realizada com a maior acuidade.

Só assim os trabalhadores lograrão materializar, a pouco e pouco, as suas aspirações mais caras; só assim aquela propaganda poderá produzir os almejados efeitos.

•

Temos a pretensão de fazer de *A Batalha* um jornal onde os espezinhadados, a cujo número pertencemos, encontrem um defensor apaixonado e a classe poderosa um adversário contumaz das prerrogativas de que goza ilegitimamente, mas adversário leal, que deseja impor-se, não pelo exercício do insulto degradante ou da calúnia arvorada em acicate, mas pela crítica correcta e justiceira aos seus actos, crítica de que não isentaremos também as próprias instituições operárias, sempre que a atitude destas se nos não afigure regular.

Outra pretensão nos anima ainda: a de fazermos de *A Batalha* um jornal moderno na sua contextura, e a explicação deste desejo encontra-se talvez no facto de sentirmos um horror instintivo por tudo quanto tresanda a arcaísmo, sentimento impróprio de criaturas que, como nós, têm o maior culto por todas as manifestações progressivas do espírito humano, pois que ambicionamos o Futuro e não o Passado.

•

Que gente é esta que vem agora à liça? — perguntarão muitos dos que nos lêem e que não pertencem aos nossos arraias.

Conhece-nos de perto o proletariado organizado, em cujas fileiras todos os que aqui trabalham formam há longos anos, muitos de nós tendo recebido, como recompensa do esforço despendido em favor do mesmo proletariado: por banda deste, a mais reconfortante simpatia; duma parte da corporação industrial, a *boicotagem* ao nosso braço produtor, e, finalmente, da parte dos homens que têm governado, as calúnias mais aviltantes, a longa prisão em masmorras imundas, o desterro.

Pertencemos à grande falange trabalhadora, desdenhosamente classificada, pelos poderosos, de subgente.

Mas esta subgente, que tem alma, que tem aspirações e que pretende viver uma vida livre; esta subgente, que em face dos rudes ataques dos nossos encarniçados adversários tem caído por vezes, mas que tem caído de pé; esta subgente levanta-se, num novo esforço, para vir agitar ideias, sabendo de antemão que batalhar por essas ideias é embrenhar-se em lutas giganteadas, rudes, ingentes.

(Do número 1 de *A Batalha*)

W

Vários jornalistas profissionais se fizeram no alfobre da Calçada do Combro, nomeadamente: Mário Domingues, Cristiano Lima, Sá Pereira, David de Carvalho, Eduardo Frias, Artur Portela e Alfredo Marques. E não só no diário, mas também no *Suplemento de «A Batalha»* e na revista *Renovação* (por igual editados pelo órgão da central de sindicatos, e dos quais foi padre-mestre o remexido Pinto Quartim), colaboraram distintos escritores, jornalistas e publicistas, entre eles: Augustin Hamon, o eminente sociólogo francês, que em *A Batalha* publicou uma série de belos artigos; Neno Vasco, Dr. Adolfo Lima, Dr. César Porto, Emílio Costa, José Carlos de Sousa, Manuel Ribeiro, Dr. Aurélio Quintanilha, Dr. Vitorino Nemésio, Bento Faria, Bernardo de Sá, José Benedy, Bento Mântua, Ferreira de Castro, Jaime Brasil, Julião Quintinha, Roberto Nobre, Nogueira de Brito, Coriolano Leite, Jesus Peixoto, Adriano Botelho, Álvaro Abreu, etc., e, dentre os militantes operários, além dos supra-mencionados: Manuel Joaquim de Sousa, Manuel da Silva Campos, Joaquim de Sousa, Santos Arranha, Alberto Dias e Mário Castelhana (que também exerceram, alternadamente, o cargo de redactor-principal do diário); Clemente Vieira dos Santos, Carlos Rates, Miguel Correia, Manuel Gonçalves Vidal, Augusto Machado, Manuel Canhão, José Maria Gonçalves, Manuel Afonso, António Costa Júnior, António Peixe, Joaquim Gonçalves Piçarra, Gil Gonçalves, Raul Neves Dias, António Alves Pereira, Gonçalves Correia, José Horta, José de Sousa e Joaquim Cardoso, que foi editor de *A Batalha*.

No que respeita às Belas-Artes sobressaíram, entre outros: Cristiano de Carvalho, Guilherme Filipe, Stuart Carvalhais e Rocha Vieira.

Na administração — sector menos vistoso, mas da máxima importância em qualquer diário e muito mais quando esse diário é da índole de *A Batalha* — trabalharam, devotadamente, além dos saudosos camaradas Hilário Marques, Francisco Cristo e Gil Gonçalves: Eduardo Freitas, Eduardo Jorge, Jorge Campelo e Manuel de Figueiredo, o qual se manteve no seu difícil posto até ao derradeiro número (1).

As oficinas desta subversiva gazeta foram ontem de tarde visitadas por três ilustres representantes do Militarismo. Infelizmente, na ocasião em que suas excelências vieram, os redactores de *A Batalha* não se encontravam presentes. Estavam assistindo, com muito agrado seu, à leitura dum interessante trabalho que o nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa vai em breve lançar a público — e não vem isto à laia de reclamo — por intermédio da secção editorial de *A Batalha*.

Não estávamos, portanto, presentes, e foi pena. Foi pena porque gostaríamos de ter fixado a marcial figura dos três ilustres visitantes, um dos quais, por seus feitos, tem sido algo falado nestas colunas.

Como não estivéssemos, conversaram, em pleno corredor — falta de que aqui nos penitenciamos — com um nosso camarada da administração, que atentamente os ouviu.

Disseram vir, em nome da oficialidade do batalhão dos sapadores dos caminhos de ferro, protestar contra o que acerca do mesmo batalhão nestas colunas se tem dito, tendo nós ficado altamente intrigados quanto ao fundamento do protesto, porque não nos recordamos de ter dito bem ou mal do supracitado batalhão, a não se dar o caso de suas excelências encarnarem o batalhão na pessoa do seu comandante, Sr. Raul Esteves, de cuja acção, como homem público, nos temos ocupado muitas vezes, e continuaremos certamente a ocupar-nos, sempre que para tal haja motivo, discutindo os seus actos, sobretudo os seus actos violentos, que se registam às dezenas.

(1) Duas notas de ternura: José Sanchez, animador, ao tempo, do Sindicato dos Empregados de Hotéis e Restaurantes e *maitre d'hôtel* no antigo e luxuoso Restaurante Garrett — no qual nos quis oferecer um almoço —, camarada duma delicadeza e dum aprumo cativantes, que iria morrer em Marrocos, sabendo que gostávamos de flores, quase todos os dias ia enfeitar as jarras das secretárias da redacção com odoríferos exemplares.

Por seu turno, Eduardo Freitas (da administração) tinha não só o cuidado de conservar limpa a salinha onde trabalhávamos, mas também, quando Sanchez não podia comparecer, era ele quem enfeitava as jarras, coisa de que não o suporiam capaz as pessoas que, nos comícios, lhe ouviam os inflamados discursos contra os capitalistas.

Falaram também na carta que *A Batalha* ontem inseriu, de um grupo de cabos e soldados do batalhão, pretendendo, apenas por curiosidade, saber quem eram os seus autores, os quais, em seu critério, a deviam ter assinado, como se nós pudéssemos acreditar que suas excelências, postos no lugar dos referidos cabos e soldados, o houvessem feito.

E mais disseram que *A Batalha* tem atribuído ao batalhão — deveriam querer dizer ao Sr. Raul Esteves — factos menos verdadeiros, motivo por que, se continuássemos, para a outra vez viriam... noutros termos.

Aos marciais cavalheiros obtemperou o nosso camarada de oficina que não lhe parece que a gazeta se tenha ocupado do batalhão, mas do seu comandante, o que é diferente. Quanto à carta dos soldados e cabos, era assunto sobre o qual só o redactor-principal estava habilitado a responder. E, finalmente, que, se *A Batalha* tem feito acusações menos verdadeiras, não deviam ignorar que há uma lei de Imprensa que pune esses delitos, achando natural que os queixosos recorram a essa ou a quaisquer outras leis, porque há muitas. Por último convidou os ilustres visitantes a declinarem seus nomes, o que suas excelências fizeram, pedindo, por seu turno, o do nosso camarada, que lhes foi dado, como mandava a boa educação.

Após o que as marciais figuras se retiraram, pela mesma porta por onde haviam entrado...

Eram elas: o Sr. capitão Abranches e tenentes Barradas e Ferreira Mendes, o primeiro celebrizado aqui, por ocasião da greve dos ferroviários do Estado, por virtude duma façanha que praticou na pessoa do ferroviário, amigo nosso, João Cebola, e que outras façanhas cometeu, aqui igualmente narradas, em relação a vários vendedores de *A Batalha*, quando fazia serviço na estação do Barreiro.

Não estranhemos nós — hoje já nada nos surpreende nesta abençoada terra — que os ilustres e marciais oficiais houvessem vindo de longada, nos termos expostos, até estas oficinas. Se já por aqui têm passado autênticos ministros!...

O que se nos afigura curioso — e daí talvez não seja — é que criaturas que, como os militares em referência, têm por missão, segundo rezam os catrapácios por que se regulam, cumprir e fazer cumprir as leis, que os do soberano decretam em nome deste, assim fujam à letra dos códigos, pondo-se em condição igual à nossa, que aos códigos votamos, por princípio, uma aversão respeitável. Pelo que se vê, sob este aspecto, o sindicalismo vai-se infiltrando entre os da tropa, o que, quanto a nós, é óptimo...

Se suas excelências, como lhes foi observado, com justeza, pelo nosso camarada de trabalho, quisessem ser o que dizem — legalistas —, desde que entendem que somos menos razoáveis nas nossas expressões, embrulhar-nos-iam em meia folha de papel selado e mandar-nos-iam para a Boa-Hora. Se perante os da Boa-Hora, que são amigos dos bons costumes, não justificássemos as nossas palavras e não provás-

semos as asserções que hemos feito, seríamos mandados certamente para o Limoeiro, se não preferissem mandar-nos para Timor...

Mas não lhes agrada a solução. Preferem vir fazer-nos veladas ameaças, como se, realizado um segundo assalto a esta casa, ou assassinado qualquer de nós, ou todos nós, *A Batalha* deixasse de ser *A Batalha*...

Nós, ilustres senhores, sabemos que havemos de morrer um dia. E morrer de morte natural ou de morte violenta é — morrer. Para morrer estamos, pois que para pouco mais do que isso viemos ao Mundo.

Mas como se dá a circunstância de esta tribuna não ser só dos que nela trabalham, mas duma classe que é legião — a classe operária organizada —, se fôssemos postos de lado violentamente, outros viriam tomar-nos os lugares, porque o mundo não pararia por tão pouco...

É talvez por isso que, não estando embora na graça de deus — com quem andamos zangados —, temos dormido e continuamos dormindo tranquilamente.

É que isto de produzir qualquer coisa de útil dispõe bem os nervos...

Experimentem os ilustres oficiais e não-de concordar connosco.

(De *A Batalha*)

W

Contar uma só parte dos episódios de que fui actor e testemunha seria tornar interminável este capítulo. Não esmiuçarei casos de tentativas de suborno, de que fui objecto, como orientador do jornal (aos quais, aliás, fiz referência oportunamente), limitando-me a anotar que, empenhados, como estávamos, em fazer do diário dos trabalhadores um jornal de processos limpos, sempre que sucedia sermos ludibriados na nossa boa-fé — o que acontecia com uma frequência desconcertante, sobretudo em relação às sucessivas queixas que à redacção chegavam —, se, uma vez publicado o queixume, a entidade atingida negava os factos que lhe eram imputados, chamávamos as duas partes à nossa presença e, arvorado em juiz (sem beca), inquiríamos, em plena redacção, de que lado estava a verdade, em pleitos quase sempre complicadíssimos, sem que se tornasse mister que junto de nós fosse invocada a lei de Imprensa.

Se adregava apurarmos que o queixoso não tinha razão, além da sara-banda que imediatamente lhe aplicávamos, dávamos, no número seguinte, no mesmo local onde fora feita a acusação, nota da intrujice. E se o embusteiro formava nas fileiras operárias, mais forte e feio lhe chegávamos.



Não obstante o cuidado que tanto eu como os orientadores do jornal que vieram depois de mim, pusemos em distanciar-nos, no que respeitava a processos, dos dos restantes quotidianos, cometeu, por vezes, *A Batalha* erros, e alguns deles bem crassos, cabendo a sua responsabilidade não sòmente aos timoneiros que me sucederam, mas também a mim próprio, pois não tenho a pretensão de passar por «tio virtudes». Procurámos todos acertar, mas nem sempre o conseguimos.

Sem embargo, pelo que me concerne, diligenciei — e nisso fui secundado por quase todos os que comigo trabalharam — não tornar o diário operário uma tribuna fechada, intolerante, se bem que nela defendêssemos com entusiasmo as nossas ideias.

E não nos mereceram apenas desvelo as questões corporativas, porquanto jamais *A Batalha* se alheou das cousas que pertencem ao domínio da Pedagogia, da Literatura, da Ciência, da Técnica, das Artes, etc. Enfim, preocupou-se com tudo que representava Progresso.

Foram tantas as demonstrações de solidariedade pró-*Batalha* que impossível seria anotá-las todas <sup>(1)</sup>.

---

(1) Certa madrugada, quando na redacção trabalhavam uns quatro redactores, entre eles eu, foi a pequena sala inopinadamente invadida por alguns facinoras, armados de pistola, que fizeram fogo em várias direcções, visando especialmente um dos redactores que trabalhava com óculos, na suposição de que se tratava da minha pessoa, pois ignoravam que, quando escrevo, não uso lentes. Felizmente, o meu camarada teve apenas perfurada a lapela do casaco em dois sitios, que o mesmo é dizer com dois projecteis.

Era a *revanche* por *A Batalha* (pela minha pena) haver zurzido, indignadamente, na véspera, uns malandrins, ao serviço da policia, que, ao conduzirem, alta madrugada, um operário marceneiro, sob prisão, dos calabouços do Governo Civil para a esquadra do Caminho Novo, ao aproximarem-se do quartel dos Paulistas, alvejaram o preso a tiro, pelas costas, tentando liquidá-lo, para depois fazerem constar, como era costume, que haviam atirado quando pretendia fugir.

O traiçoeiro assalto provocou uma espontânea greve geral do operariado de Lisboa, das mais significativas, pela coesão e extensão que teve e também pelo cunho de protesto de que foi revestida. Os estraços causados pelos meliantes foram largamente cobertos pelo operariado, naquele dia, o que traduziu também uma veemente repulsa.